

Um Exemplo de Amor à Ciência

ÁLVARO PESSÔA¹

Transcorreu no ano de 1983 o centenário da publicação da obra do orquidófilo e botânico, JOÃO BARBOSA RODRIGUES: "Structure des Orchidées - Notes d'une Étude", cuja versão original foi inteiramente escrita em francês. Mandou-a reeditar o Jardim Botânico Nacional, em exata reprodução do original, prestando a seu autor merecida homenagem. No momento em que exemplos de abnegação e amor à ciência carecem de maior admiração, é realmente singular o tipo de coragem e bravura silenciosa dos homens da botânica, que revelaram ao munda a flora da América do Sul e em especial a flora orquidófila brasileira.

Na bravura desses homens, de que no Brasil BARBOSA RODRIGUES é um belo exemplo, não há cavaleiros com armadura de aço, nem soldados manchados de sangue. As armas ofensivas desses indivíduos são latinhas para coleta de plantas, lupas, pinças e material para prensar flores. Isto, e mais a paixão pela descoberta, que os levava a penetrar silenciosas selvas brasileiras, sem recursos, sem estradas, sem comunicações, todos a bufar suarentos sob o sol tropical, rumo às fronteiras do desconhecido, em meio a doenças tropicais e longe da família. Esta luta é que mostra a fibra e a coragem moral desses homens.

Quando JOÃO BARBOSA RODRIGUES nasce, em 22 de junho de 1842, grande parte do obscurantismo que pairou sobre a América do Sul em geral e o Brasil em especial já havia desanuviado. É que a divisão feita pelo Papa, das terras do continente latino americano, entre Espanha e Portugal (sabe Deus com que direito) pelo Tratado de Tordesilhas, tivera duas consequências: primeiro, enfurecera o rei da França, que fora excluído da partilha. Segundo, tornara do interesse da Corôa Portuguesa e da Espanha, manter o continente livre de estrangeiros bisbilhoteiros e, em especial, cientistas. Para os governantes, hoje e sempre, uma espécie perigosa! O grande administrador e homem de ciência, que foi Maurício de Nassau, é que tenta mudar esta tendência (e de certo modo o consegue), embora regionalmente, mandando pesquisar a flora. Para tal fim, manda vir ao Brasil, não um, mas dois botânicos alemães, Georg Markgraf e Willem Piso, que pesquisaram um curto período, durante os 30 anos da dominação holandesa no Nordeste.

O levantamento efetivo do véu de mistério que a Corôa Portuguesa sempre mantivera sobre as riquezas do Brasil só ocorre a partir de 1808. A fuga da família real para o País, face à invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, força D. João VI a permitir, finalmente, a busca da ciência européia sobre as coisas nacionais. Aporta ao Rio de Janeiro a missão francesa!

¹R. Uruguai, 508/102, Tijuca, Rio de Janeiro.

Na América espanhola, esta abertura começara bem antes. A Academia de Ciências da França, já em 1750, após entender-se com o rei da Espanha, nomeava Charles Marie La Condamine como chefe da missão científica encarregada de medir, nos Andes, o arco do meridiano na linha do Equador. Além de La Condamine, vem, após, o Barão Alexander von Humbolt, alemão de origem, seguindo-se-lhe Charles Darwin e Richard Spruce cuja contribuição para a Botânica foi inestimável.

No Brasil, face à política colonialista portuguesa dominante, isto não ocorrera. Virtualmente, temiam-se e hostilizavam-se os cientistas. Por Alvará régio, determinara-se mesmo a prisão e condução à Corte de qualquer estrangeiro encontrado na atividade de pesquisa no País. É, aliás, do Barão von Humbolt, a curiosa (e atualíssima) observação feita em carta a um colega europeu, de que os burocratas brasileiros tinham "tanto de desprezível o espírito, como de mesquinho o corpo", mas que ele, para ver uma floresta tropical, cheia de orquídeas, bromélias e macacos, "era capaz até de beijar o chão onde pisava o burocrata", quanto mais de pedir uma licença.

Nesta aurora da descoberta científica do Brasil, é que BARBOSA RODRIGUES se educa. Só uma vez viajou à Europa e, ainda aí cinco anos antes de sua morte. Sua formação cultural é toda feita entre nós. Ocorre que tal educação é o resultado do trabalho da elite que erigiu e armou as colunas mestras do Império Brasileiro, atravessando neste momento, um de seus períodos mais fecundos, sendo seu orientador Freire Alemão.

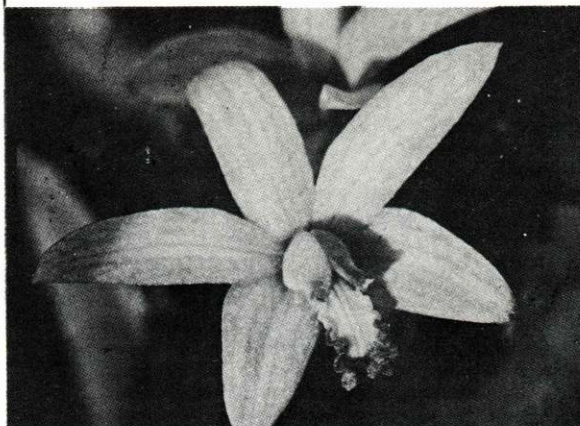
Formado Engenheiro pela então Escola Central de Engenharia em 1869, contando apenas 27 anos, aos 30 anos de idade BARBOSA RODRIGUES inicia longa viagem pela Amazônia e publica, em 1872, sua "Exploração e Estudo do Vale do Amazonas". Aos 41 assume a direção do "Museu Botânico do Amazonas" por ele idealizado e criado sob o patrocínio da Princesa Isabel e do Barão de Capane ma que, sendo botânico (embora político), financiava e estimulava os trabalhos do colega. Para escrever os estudos com que, de forma quase pioneira, enriqueceu a então incipiente cultura botânica brasileira, BARBOSA RODRIGUES, a exemplo de outro botânico de sua época, Alexandre Rodrigues Ferreira, sempre percorreu pessoalmente as regiões, em contato com a natureza, e preparava seu próprio material de taxonomia. Sua paixão pessoal foram as orquídeas e as palmeiras brasileiras.

Entre 1869 e 1882 completa um trabalho hercúleo que é o "Iconographie des Orchidées du Brésil", no qual descreveu inúmeras espécies, principalmente as nativas dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Mas a energia e o valor do homem eram notáveis; quase simultaneamente prepara e publica "Genera et Species Orchidacea Novarum". O material e o conhecimento da flora orquídea brasileira por parte de BARBOSA RODRIGUES já eram, então, de tal forma significativos que transpuseram as fronteiras nacionais. Buscando o apoio indispensável dos administradores do Império, o botânico tenta de todas as formas e durante quatorze anos a publicação a cores de suas ilustrações e de suas pesquisas no Brasil. O Império Brasileiro entrara, porém, em seu ocaso. Quase paralelamente, von Martius iniciava os trabalhos preliminares da "Flora Brasiliensis". Primeiro diretamente e, depois, por intermédio de Reichenbach, Kraenzlin e Eicher tudo se tentou para que BARBOSA RODRIGUES entregasse as ilustrações e informações, que recolhera em 20 anos de trabalho. Sua resistência foi intensa mas o trabalho, que tentava, de convencimento dos Ministros de D. Pedro II resultou inútil. Foi só em 1892, quando von Martius havia quase perdido a esperança, que

BARBOSA RODRIGUES afinal cedeu. Perdera a esperança, ao ver uma nova ordem se estabelecer no País com a República. Enviou, então, a Cogniaux, na Bélgica, 376 desenhos, contendo detalhada descrição de 23 gêneros e 351 espécies. Cogniaux, que havia sido encarregado da preparação de uma monografia sobre orquídeas (a qual constitui parte importante da "Flora Brasiliensis" de von Martius) sempre deu, aliás, grande crédito à contribuição de BARBOSA RODRIGUES. Cogniaux nomeou "Rodriguesii" nada menos do que 11 espécies, em honra e homenagem a seu colega brasileiro.

A República, que BARBOSA RODRIGUES temera, nunca porém lhe negou os méritos. Ao contrário. Foi ele o primeiro Diretor Geral do Jardim Botânico na fase republicana, nomeado por Deodoro da Fonseca, em 1890. Nesta posição permanece por 19 anos, até sua morte que ocorre em 1909.

É no período em que o Jardim Botânico Nacional é administrado por BARBOSA RODRIGUES, que ocorre sua consolidação (pelo menos temporária) como centro irradiador de cultura da flora brasileira. Sem desmerecer dos trabalhos dos botânicos brasileiros, entre outros, de Saldanha da Gama, Caminhoã, Frei Veloso, Frei Leandro e os demais colaboradores de von Martius na "Flora Brasiliensis", a energia, o idealismo e a objetividade de BARBOSA RODRIGUES consolidaram uma obra duradoura e, só por isso, ele merece a maior admiração dos orquídocófilos, quer como exemplo, quer como símbolo.



*Laelia
kettieana*

Foto: F. E. Miranda